

## Escala de Autorregulação Emocional (EARE-AD): evidências de validade baseadas na estrutura interna e fidedignidade

Escala de Autorregulação Emocional (EARE-AD):  
validity evidence based on internal structure and reliability

Bruno Bonfá-Araújo\* / Ana Celi Pallini / Makilim Nunes Baptista /  
Ana Paula Porto Noronha

Universidade São Francisco

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna e índices de fidedignidade da Escala de Autorregulação Emocional - Adultos. Para tal, três modelos foram testados (multidimensional, segunda-ordem e bifator). Além da análise fatorial confirmatória, foram testadas análises baseadas na teoria de resposta ao item, bem como investigou-se os índices de fidedignidade do instrumento. Compuseram a amostra 660 sujeitos, com idades entre 18 e 71 anos ( $M = 22,83$  DP = 7,21). Os resultados indicaram que o modelo multidimensional é aquele que apresenta melhores índices de ajuste e índice de confiabilidade satisfatório para as dimensões, estas quando avaliadas pelo  $\alpha$  e  $\omega$  variaram de 0,83 até 0,94. Encontrou-se também que o instrumento melhor mensura traços de baixa autorregulação. Assim, pode-se concluir que este estudo acumulou evidências para a Escala de Autorregulação Emocional - Adultos e que esta mostra-se adequada para a avaliação deste traço.

**Palavras-chave:** emoções; propriedades psicométricas; psicometria

**Abstract:** This study aimed to seek evidence of validity based on the internal structure and reliability indices of the Emotional Self-Regulation Scale - Adults. To this end, we tested three models (multidimensional, second-order, and bifactor). In addition to the confirmatory factor analysis, we tested analyzes based on the item response theory, as well as the instrument's reliability indexes were investigated. The sample consisted of 660 subjects, aged between 18 and 71 years ( $M = 22.83$  SD = 7.21). The results indicated that the multidimensional model has the best-fit indices and satisfactory reliability index for the dimensions, which, when evaluated by  $\alpha$  and  $\omega$ , ranged from 0.83 to 0.94. We found that the instrument better measures low self-regulation traits. Thus, we can conclude that this study accumulated evidence for the Emotional Self-Regulation Scale - Adults and that it is adequate for assessing this trait.

**Keywords:** emotions; psychometric properties; psychometry

### Introdução

Considerando a importância das emoções para o desenvolvimento humano, existe a necessidade de aprofundar-se nos conhecimentos desta temática. Mudanças

\* Correspondência para: Av. São Francisco de Assis, 218 - Jardim São Jose, Bragança Paulista - SP, 12916-900. E-mail: brunobonffa@outlook.com

sociais e exigências cada vez mais incisivas de racionalidade tem levado as pessoas a ignorar o desenvolvimento saudável das emoções (Bechara, 2003). O modelo racional focado apenas na cognição tem sido falho e gerador de diversos problemas, contribuindo para que as pessoas desconheçam os benefícios e papel fortalecedor das emoções para o desempenho, relacionamentos, produtividade e saúde (Céspedes, 2014).

Investigar o papel das emoções é um importante indicador do desenvolvimento humano (Cicchetti, Ackerman, & Izard, 1995; Ekman, 2016). Pensando nisso, um dos conceitos que tem sido amplamente estudado, principalmente sob a ótica da Psicologia Positiva, é o de Autorregulação Emocional (AE). A AE diz respeito ao processo no qual o indivíduo dispõe de recursos e estratégias para controlar, inibir, ou alterar a experimentação ou expressão de suas próprias emoções, de forma adaptativa (Rocha, Candeias, & Silva, 2018). Esse processo pode ser automático ou intencional, e geralmente, se volta para um objetivo, ocorre de maneira meta-individual e em demandas situacionais (Barros, Gois, & Pereira, 2015; Karoly, 1993).

A AE é uma habilidade usada para administrar com êxito, situações aversivas, de forma a manter o controle mesmo em situações que geram estresse e incômodo (Noronha, Baptista, & Borges, 2018). Ainda, trata-se de um processo intrínseco e extrínseco, que envolve perceber, monitorar, avaliar e modificar as reações e emoções negativas causadas/despertadas por uma determinada situação para alcançar os objetivos almejados (Noronha et al., 2018). Este aspecto coincide com as afirmações de Berna, Ott e Nandrino (2014), além de ser um recurso fundamental no manejo e adaptação frente a diferentes situações da vida (Vohs & Baumeister, 2016).

Uma pessoa autorregulada tende a ser mais flexível e administrar melhor suas emoções em situações negativas, de forma a conter, inibir ou mudar expressões de raiva, medo, tristeza, para emoções mais positivas. É um recurso que ajuda o indivíduo a alcançar os estados emocionais desejados, promovendo maior bem-estar e/ou uma

administração melhor de uma determinada situação, evitando assim, o gasto desnecessário de energia e conflitos (Tamir, 2015). Déficits na AE estão diretamente relacionados ao desenvolvimento e presença de diversas psicopatologias (Aldao, Sheppes, & Gross, 2015).

Uma revisão sistemática feita por Joormann e Stanton (2016) indicou que dificuldades em autorregular as emoções estão fortemente associadas à depressão. Os estudos incluídos, revelaram que pacientes depressivos possuem maior dificuldade em lidar com situações negativas e fazem uso de estratégias mal adaptativas para lidarem com suas emoções. De forma semelhante, a metanálise feita por Schäfer, Naumann, Holmes, Tuschen-Caffier e Samson (2017) revelou que as estratégias de AE estão significativamente relacionadas a sintomas depressivos e ansiosos. Porém, Schäfer et al. (2017) fizeram uma distinção entre os tipos de estratégias de AE, separando-as em adaptativas e desadaptativas. A primeira envolve ações de reavaliação cognitiva, resolução de problemas e aceitação, já a segunda, engloba as ações de evitação, supressão e ruminação. Desta forma, foi evidenciado que pessoas com depressão/ansiedade apresentavam relação negativa com as estratégias adaptativas de AE e positiva com as desadaptativas.

Os achados de Aldao, Nolen-Hoeksema e Schweizer (2010), que também investigaram os tipos de estratégias de AE em relação aos sintomas de ansiedade, depressão, transtorno alimentar e transtornos relacionados ao uso de substância correspondem aos relatados anteriormente. Foram encontrados tamanho de efeito grande para a estratégia de ruminação; médio a grande para evitação, resolução de problemas e supressão; e pequeno a médio para reavaliação e aceitação. Apesar da divisão das estratégias em adaptativas e desadaptativas, é preciso considerar que ambas são formas de lidar melhor com as emoções, em maior ou menor grau de efetividade.

Uma revisão da literatura na base de dados SciELO, contemplando o período de 2008 a 2017, sobre os instrumentos mais utilizados para a avaliação da AE de forma geral,

foi realizada por Batista e Noronha (2018). Os descritores utilizados foram “autorregulação emocional”, “regulação emocional”, “regulação emocional e inteligência emocional” e “regulação emocional e instrumentos” e os resultados indicaram 12 instrumentos com foco na AE ou pelo menos uma das dimensões voltadas para ela. Desses, o Trait Meta-Mood Scale (TMMS-24 - Salovey et al., 1995), Emotional Regulation Questionnaire (ERQ - Gross & John, 2003), e a Difficulties in Emotion Regulation Scale (DERS - Gratz & Roemer, 2004) foram os mais utilizados. Os autores ressaltaram, ainda, que há divergências na conceituação da AE, e que diversas vezes ela é tratada como um componente da inteligência emocional.

No Brasil, Noronha e Baptista (2016) desenvolveram a Escala de Autorregulação Emocional – Adultos (EARE-AD). Esta foi construída com uma dimensão que avalia emoções, comportamentos e pensamentos positivos e três fatores que avaliam estes mesmos aspectos negativamente, sendo o foco da escala voltado para a AE em situações que geram tristeza. Em situações tristes é comum uma reação primária de emoção sensitiva, seguida por uma reação secundária específica de cada indivíduo, na qual o controle ou descontrole das emoções entra em ação (Koole & Aldao, 2016).

Apesar de já ter sido utilizada em outros estudos, como o de Borges e Pacheco (2018) e na tese de mestrado de Batista (2017), a escala ainda possui poucas informações quanto as propriedades psicométricas. O estudo realizado por Noronha, Baptista e Batista (2019), traz as análises psicométricas iniciais da escala, e teve por objetivo buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna e verificar os índices de confiabilidade. As análises fatoriais exploratórias (AFE) foram realizadas por intermédio do programa Factor, sendo que a análise paralela sugeriu retenção de apenas um fator, e as análises de MAP e Hull indicaram, respectivamente, a retenção de cinco e quatro fatores. A estrutura de quatro fatores ( $CFI = 0,99$ ;  $RMSEA = 0,03$ ,  $\chi^2 = 618,64$ ;  $gl = 431$ ;  $RMSR = 0,04$ ) foi a que melhor se adequou aos resultados esperados para cada item,

em consonância com os aspectos teóricos. Os índices de confiabilidade foram adequados, com alfa de 0,98 no Fator 1 (Estratégias de enfrentamento adequadas), 0,69 no Fator 2 (Externalização da agressividade), 0,88 no Fator 3 (Pessimismo), e 0,92 no Fator 4 (Paralisação).

Com base na literatura exposta, sabe-se que instrumentos de AE podem apresentar diferentes configurações, variando desde modelos unidimensionais até modelos mais complexos como os bifatoriais (Batista & Noronha, 2018). Em acréscimo, levando em consideração que estudos anteriores fizeram uso do instrumento EARE-AD com diferentes estruturas (e.g., unidimensional - Borges & Pacheco, 2018; multidimensional – Noronha et al., 2019), fica presente a lacuna no que diz respeito a uma única estrutura da ferramenta.

Por fim, dado que a EARE-AD é um instrumento novo, e ainda pouco utilizado, estudos que explorem as propriedades psicométricas se fazem necessários. Diante destas lacunas, o presente estudo teve por objetivo buscar outras evidências de validade baseadas na estrutura interna e índices de fidedignidade da EARE-AD, sendo testados três modelos (multidimensional, segunda-ordem e bifator). Foi realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC) no intuito de avaliar a manutenção da estrutura inicialmente proposta pela AFE (Noronha, Baptista, & Batista, 2019) e análises da teoria de resposta ao item (TRI) para compreender os índices de fidedignidade do instrumento.

## **Método**

### ***Participantes***

Fizeram parte deste estudo 660 sujeitos, com idades entre 18 e 71 anos ( $M = 22,83$ ;  $DP = 7,21$ ), destes 68,9% eram do sexo masculino, em sua maioria solteiros (92,1%). Esta pesquisa foi composta por uma amostra de conveniência.

### ***Instrumentos***

Questionário demográfico. Construído para compreender dados básicos da amostra, como sexo, idade e estado civil.

Escala de Autorregulação Emocional – Adultos (EARE-AD; Noronha & Baptista, 2016). Tem como objetivo mensurar a autorregulação emocional para a tristeza por meio de itens de autorrelato, composta por 34 itens em escala Likert (0 =Nenhuma das vezes/Nada até 4 = Sempre). As dimensões que compõem a EARE-AD são, as Estratégias adequadas de enfrentamento, Externalização da agressividade, Paralisação, Pessimismo. São exemplo de itens a partir da frase “quando estou triste”, (8) “Tento pensar em saídas para o problema” – Estratégias adequadas de enfrentamento; e (7) “Quero bater nos outros” – Externalização da agressividade; (4) “Não consigo entender porque estou assim” – Paralisação; (6) “Não consigo pensar direito” – Pessimismo.

### ***Procedimentos***

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 80594117.1.0000.5514), os instrumentos foram digitalizados na plataforma online Google Forms, sendo um link disponibilizado nas redes sociais Facebook e Whatsapp. Os sujeitos precisavam concordar com as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para realizarem a pesquisa de maneira voluntária.

### ***Análise de Dados***

Os dados foram transferidos para uma planilha de dados, na qual estatísticas descritivas foram aplicadas para compreender a distribuição amostral. Em seguida, foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) buscando identificar o melhor ajuste do modelo, sendo testados três modelos (Multifatorial, Segunda-ordem e Bifator), o estimador utilizado foi o *Weighted Least Squares Mean and Variance Adjusted* (WLSMV) e os índices de ajuste analisados foram o Qui-quadrado ( $\chi^2$ ), *Comparative Fit Index* (CFI

$\geq 0,95$ ), *Tucker Lewis Index* ( $TLI \geq 0,95$ ), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA  $\leq 0,08$ ) e *Weighted Root Mean Square Residual* (WRMR). Posteriormente, foram testadas as correlações entre as dimensões por meio do coeficiente produto-momento de Pearson, seguidamente, foram realizadas quatro curva de informações, uma para cada dimensão do instrumento visando a compreender qual nível de autorregulação emocional é mais bem captado por este instrumento. Por último, os itens foram analisados pelos pressupostos do modelo Rasch (Bond & Fox, 2015), visando a identificar os parâmetros de dificuldade dos itens, além de serem analisados os valores de *Infit* e *Outfit*, considerados como adequados entre 0,5 e 1,5 de acordo com Linacre (2014). Todas as análises foram realizadas nos *softwares* MPlus, Winsteps e RStudio.

## Resultados

A princípio buscou-se identificar qual modelo apresentaria ajustes mais adequados para a Escala de Autorregulação Emocional, foram testados três modelos. O primeiro multidimensional, assim como no estudo original e no estudo de propriedades psicométricas (Noronha & Baptista, 2016; Noronha, Baptista, & Batista, 2019), em seguida um modelo de segunda-ordem e finalmente um modelo bifator. A Tabela 1. apresenta os ajustes dos modelos testados.

**Tabela 1.**  
Teste de ajuste dos modelos

Modelo	$gl$	$\chi^2$	RMSEA	CFI	TLI	WRMR
Multidimensional	521	1938	0,06	0,95	0,95	1622
Segunda-ordem	523	1871	0,06	0,95	0,95	1640
Bifator	495	7619	0,14	0,78	0,75	3379

De acordo com os resultados encontrados, os modelos multidimensional e de segunda-ordem apresentaram índices similares, sendo o modelo multidimensional aquele com melhores índices. Em seguida, foi testada a análise fatorial confirmatória para identificação das cargas fatoriais, e os coeficientes de consistência interna alpha e ômega, a Tabela 2. apresenta estes resultados.

**Tabela 2.**

Análise Fatorial Confirmatória dos itens da EARE

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Item 1	0,48			
Item 3	0,54			
Item 8	0,74			
Item 9	0,68			
Item 10	0,80			
Item 11	0,75			
Item 12	0,75			
Item 13	0,82			
Item 14	0,75			
Item 18	0,40			
Item 25	0,67			
Item 26	0,77			
Item 27	0,73			
Item 28	0,80			
Item 34	0,64			
Item 2		0,74		
Item 4		0,58		
Item 5		0,80		
Item 6		0,73		
Item 16		0,82		
Item 17		0,88		
Item 19			0,81	
Item 20			0,90	
Item 21			0,94	
Item 22			0,94	
Item 23			0,93	
Item 24			0,85	
Item 7				0,77
Item 15				0,78
Item 29				0,81
Item 30				0,71
Item 31				0,68
Item 32				0,73
Item 33				0,69
Alpha (itens)	0,91 (15)	0,86 (6)	0,93 (6)	0,83 (7)
Ômega (itens)	0,91 (15)	0,86 (6)	0,94 (6)	0,84 (7)

Nota. F1= Estratégias de enfrentamento adequadas; F2= Externalização da agressividade; F3= Pessimismo; F4= Paralisação.



Os resultados encontrados para a dimensão Estratégias de enfrentamento adequadas apresentam cargas entre 0,40 até 0,82, para o segundo fator, Externalização da agressividade as cargas variaram de 0,58 até 0,88, o fator Pessimismo exibiu cargas de 0,81 até 0,94, sendo a dimensão com cargas de maiores índices, finalmente, a dimensão Paralisação apresentou cargas desde 0,68 até 0,81. Em seguida as dimensões da Escala de Autorregulação Emocional foram correlacionadas, os resultados são apresentados na Tabela 3.

**Tabela 3.**

Correlação entre as dimensões da EARE

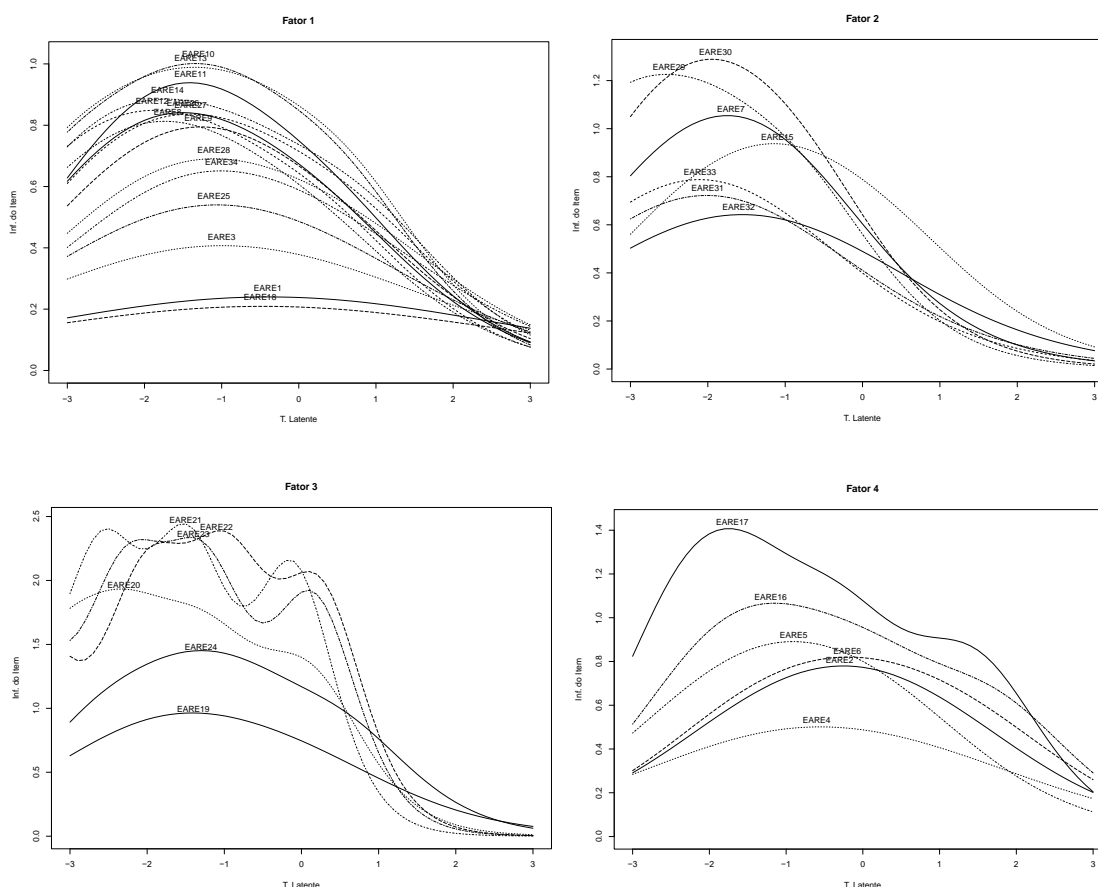
	F1	F2	F3	F4
Estratégias de enfrentamento adequadas	1	-0,31**	-0,54**	-0,52**
Externalização da agressividade		1	0,47**	0,51**
Pessimismo			1	0,74**
Paralisação				1

Nota. \*\* $p < 0,01$ ; F1= Estratégias de enfrentamento adequadas; F2= Externalização da agressividade; F3= Pessimismo; F4= Paralisação.

As correlações variaram de -0,31 até 0,74, de modo que todas as relações foram significativas. A menor das correlações ocorreu entre as dimensões Estratégias de enfrentamento adequadas e Externalização da agressividade, e a de maior magnitude aconteceu entre as dimensões Pessimismo e Paralisação. Por último, foram realizadas quatro curvas de informações, uma para cada dimensão da EARE-AD, a Figura 1. apresenta os resultados encontrados.

A curva de informação indica a capacidade dos itens ao mensurar desde a baixa apresentação do construto até a alta do mesmo, ou seja, baixa autorregulação emocional e alta autorregulação emocional. Os itens do primeiro fator (e.g., Estratégias de enfrentamento adequadas) captam melhor a autorregulação entre dois desvios padrões abaixo da média até a média, de modo que o item 10 (Tento pensar em coisas boas) é aquele que melhor capta o traço, os itens da dimensão Externalização da

agressividade (e.g., Fator 2) melhor captam entre três desvios padrões abaixo da média até um desvio padrão abaixo, sendo o item 30 (Grito/berro) aquele que melhor apercebe.



**Figura 1.** Curva de informação das dimensões da EARE

Para o terceiro fator (e.g., Pessimismo), a baixa autorregulação emocional é captada entre dois desvios padrões abaixo da média até a média, por fim, a dimensão Paralisação (e.g., fator 4) apercebe melhor entre dois desvios padrões abaixo da média até um desvio padrão acima, sendo o item 17 (Fico perdido) aquele que melhor capta o traço. Em seguida, todos os fatores foram testados como unidimensionais de acordo com os critérios apresentados por Linacre (2014), de modo que a variância do primeiro contraste deve ser menor do que 2, a Tabela 4 apresenta os resultados da dificuldade dos itens.

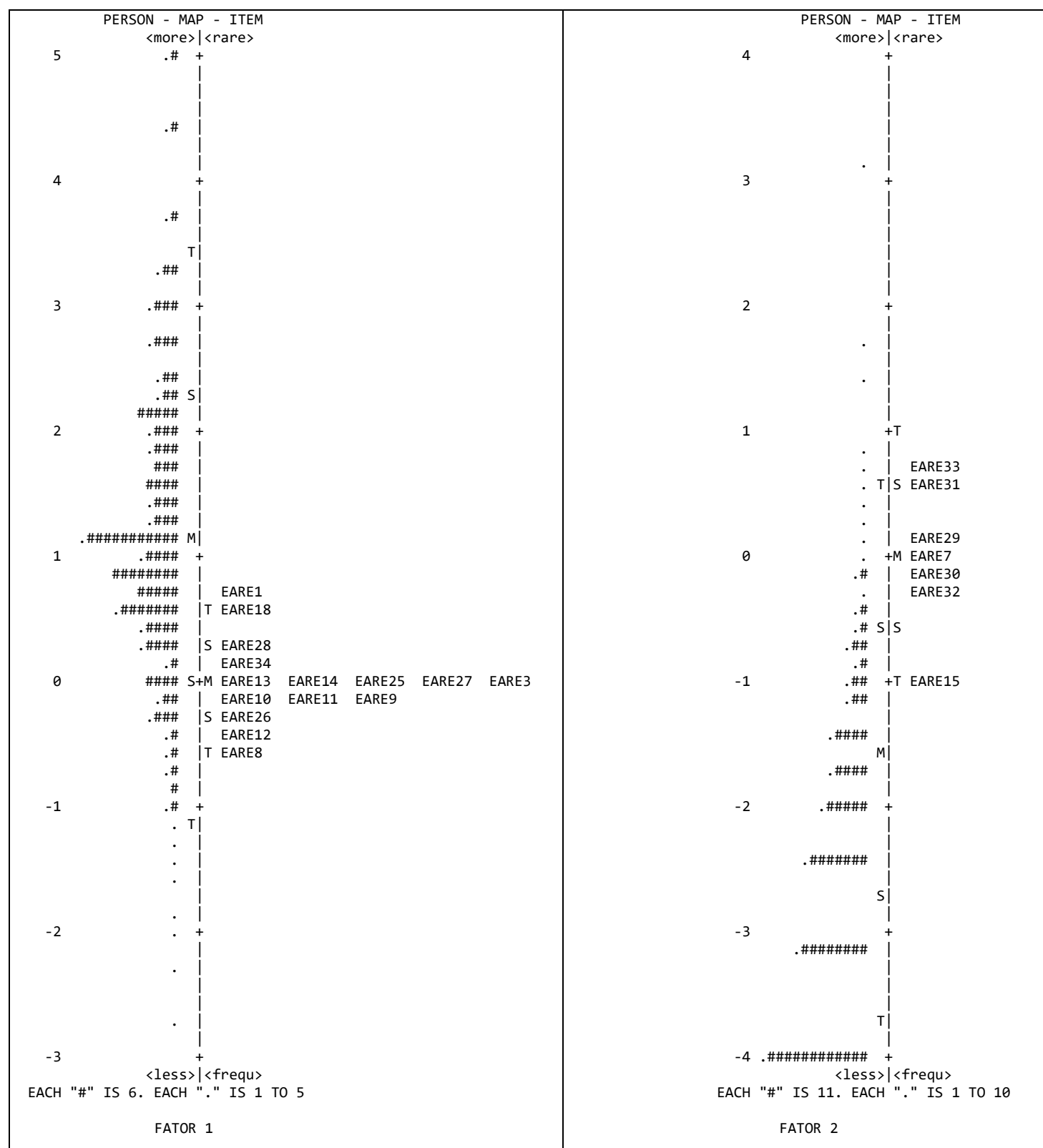
**Tabela 4.**  
Índices de traços latentes e ajuste dos itens

Fator	Item	Medida ( $\delta$ )	Erro Padrão	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	$r^2$ item-theta
1	EARE 1	0,70	0,05	1,26	1,45	0,51
	EARE 3	0,01	0,05	1,08	1,21	0,56
	EARE 8	-0,51	0,05	0,93	0,92	0,63
	EARE 9	-0,13	0,05	1,05	1,06	0,64
	EARE 10	-0,09	0,05	0,84	0,85	0,71
	EARE 11	-0,13	0,05	1,01	1,00	0,66
	EARE 12	-0,44	0,05	0,85	0,84	0,65
	EARE 13	-0,03	0,05	0,82	0,79	0,72
	EARE 14	-0,01	0,05	0,75	0,82	0,69
	EARE 18	0,51	0,05	1,59	1,65	0,48
	EARE 25	-0,07	0,05	1,13	1,19	0,59
	EARE 26	-0,25	0,05	0,95	0,92	0,66
	EARE 27	0,04	0,05	0,83	0,84	0,69
	EARE 28	0,22	0,05	0,89	0,97	0,65
	EARE 34	0,18	0,05	1,04	1,07	0,63
2	EARE 7	-0,05	0,06	1,13	0,99	0,64
	EARE 15	-0,97	0,05	0,86	0,85	0,77
	EARE 29	0,12	0,06	0,80	0,73	0,68
	EARE 30	-0,08	0,06	1,00	0,91	0,67
	EARE 31	0,55	0,07	1,37	1,17	0,53
	EARE 32	-0,27	0,05	1,04	1,13	0,65
	EARE 33	0,70	0,07	1,36	1,16	0,51
	EARE 19	0,33	0,06	1,54	1,80	0,77
3	EARE 20	0,18	0,06	0,90	0,85	0,85
	EARE 21	0,13	0,06	0,77	0,69	0,87
	EARE 22	-0,28	0,06	0,81	0,81	0,87
	EARE 23	-0,06	0,06	0,78	0,74	0,87
	EARE 24	-0,30	0,06	1,12	1,22	0,84
	EARE 2	-0,21	0,05	1,05	1,10	0,73
4	EARE 4	0,14	0,05	1,28	1,30	0,68
	EARE 5	0,59	0,05	1,05	0,99	0,73
	EARE 6	-0,42	0,05	0,97	1,00	0,75
	EARE 16	-0,18	0,05	0,87	0,85	0,78
	EARE 17	0,08	0,05	0,74	0,72	0,8

*Nota.* F1= Estratégias de enfrentamento adequadas; F2= Externalização da agressividade; F3= Pessimismo; F4= Paralisação.

A partir dos pressupostos pré-estabelecidos, apenas os itens 18 - “Acho que o que sinto é importante para o meu crescimento” e 19 – “Acredito que tudo vai piorar”, apresentaram resultados fora do ajuste. Para o primeiro fator, o item 8 ( $\delta = -0,51$ ) apresenta maior facilidade para ser endossado, e o item 1 ( $\delta = 0,70$ ) é aquele com maior dificuldade para ser endossado. Para o segundo fator, o item 15 ( $\delta = -0,97$ ) possui maior possibilidade de endosso e o item 33 ( $\delta = 0,70$ ) maior dificuldade, para a terceira dimensão o item com maior possibilidade de endosso foi o item 24 ( $\delta = -0,30$ ) e o item 19 ( $\delta = 0,33$ ) o de menos possibilidade. Finalmente, para a última dimensão o item com maior possibilidade de endosso foi o 6 ( $\delta = -0,42$ ) e o de menor foi o 5 ( $\delta = 0,59$ ). Em seguida, são apresentadas as Figuras 2 e 3 que retrata a distribuição de sujeitos e item.

A partir dos mapas de itens, é possível verificar que a dimensão Estratégias de enfrentamento adequadas (Fator 1) os itens não são capazes de alcançar sujeitos que estão na média e acima dela. No que diz respeito as outras três dimensões, se distribuem de maneira uniforme de acordo com os sujeitos que estão abaixo e acima da média.



**Figura 2.** Mapa de itens dos fatores 1 (Estratégias de enfrentamento adequadas) e 2 (Externalização da agressividade)

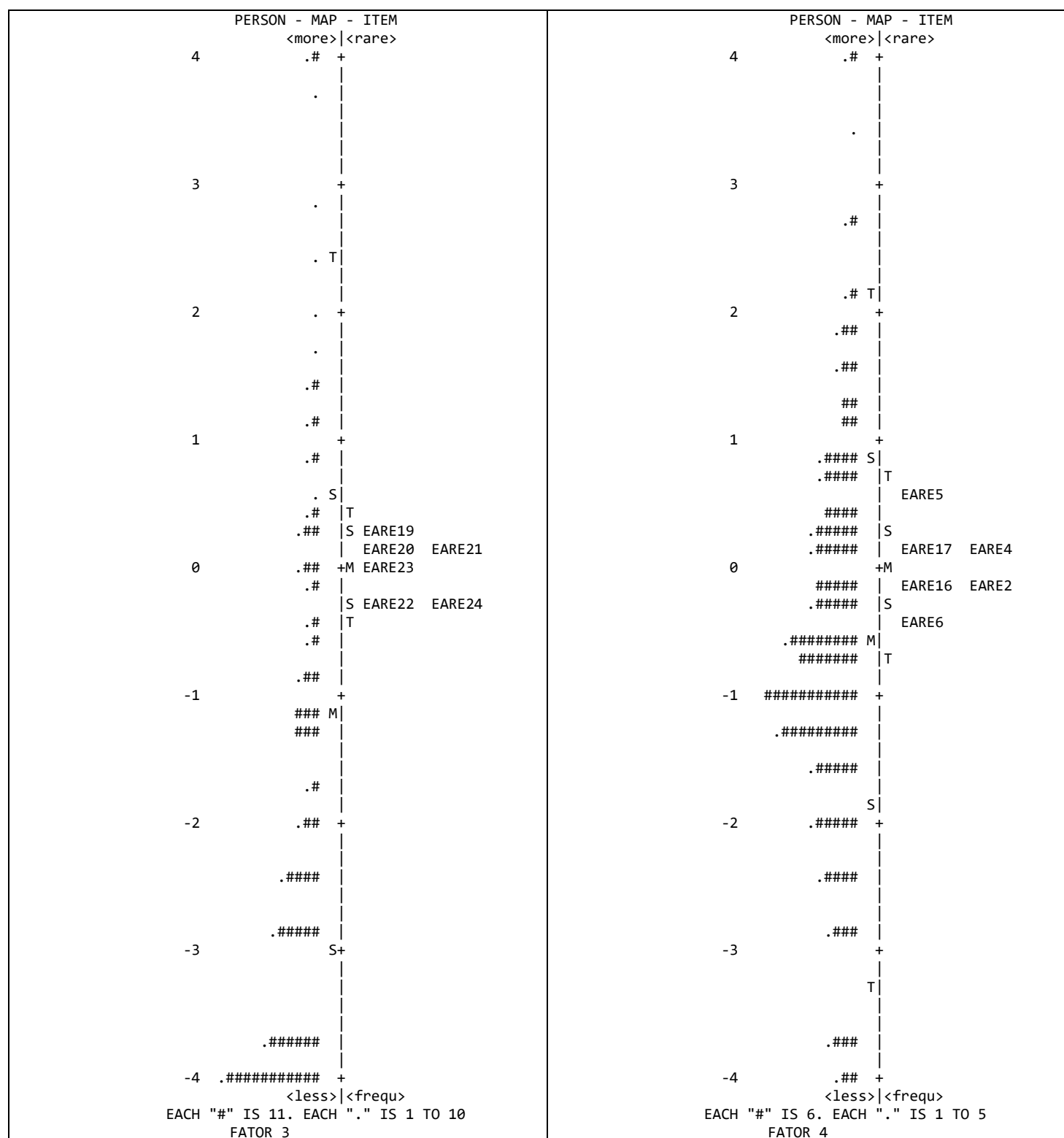


Figura 3. Mapa de itens dos fatores 3 (Pessimismo) e 4 (Paralisação)

## Discussão

O objetivo deste estudo foi testar a estrutura interna e buscar novos índices de fidedignidade para a Escala de Autorregulação Emocional - Adultos (EARE-AD) desenvolvida no estudo de Noronha e Baptista (2016) e explorado inicialmente por Noronha, Baptista e Batista (2019). Para tanto, foram realizados o teste de três modelos, sendo um deles proposto na pesquisa original; realizada a análise fatorial confirmatória e visando a ampliar o estudo original foram realizadas curvas de informações para cada uma das dimensões da EARE-AD. Finalmente, foi realizada uma análise de Rasch para compreender a dificuldade e distribuição dos itens.

A estrutura proposta no estudo original (Noronha, Baptista, & Batista, 2019) é compreendida como multidimensional de quatro fatores, assim como exposto por Gratz e Roemer (2004), sendo um adaptativo e três desadaptativos (Schäfer et al., 2017). Porém, não haviam sido exploradas estruturas que possivelmente melhor se ajustariam ao modelo de autorregulação emocional, apesar de um modelo de segunda-ordem no qual existiria um fator de autorregulação que explicaria as quatro dimensões de primeira ordem do instrumento, ter apresentado um bom ajuste, optar-se-á pelo modelo multidimensional uma vez que apenas uma das correlações entre as dimensões teve magnitudes entre médias e grandes (Cohen, 1988) e sua interpretabilidade é de mais fácil compreensão para a população de profissionais a qual irá fazer uso do instrumento.

Os itens apresentaram cargas fatoriais satisfatórias, variando entre 0,40 até 0,94 para todas as dimensões, sendo considerados de média até grande magnitude. No que diz respeito as dimensões, os alfas variaram entre 0,83 para a dimensão Paralisação até 0,94 para a dimensão Pessimismo. Em seguida, foram obtidas as correlações entre as dimensões da EARE-AD. Conforme esperado a dimensão Estratégias de enfrentamento adequadas apresentou correlações negativas de média magnitude com os outros três fatores do instrumento, condizendo com resultados encontrados em estudos anteriores,

sendo superiores aos valores vistos em estudos psicométricos brasileiros com a mesma escala (Gratz & Roemer, 2004; Noronha, Baptista, & Batista, 2019).

A partir das curvas de informação exploradas nesta pesquisa, é possível compreender que o enfoque em uma única emoção (tristeza), oferece uma explicação maior do que outros instrumentos que mensuram diferentes emoções simultaneamente. Assim, o instrumento poderá ter maior utilidade em populações que apresentam transtornos de humor (Berking, Elbert, Cuijpers, & Hofmann, 2013; Noronha, Baptista, & Batista, 2019).

No que diz respeito a análise de Rasch (Bond & Fox, 2015) foi possível identificar a unidimensionalidade dos fatores, e a partir dos índices utilizados (Infit e Outfit) apenas dois itens (18 e 19) estavam fora dos critérios estabelecidos por Linacre (2014). A partir da análise qualitativa destes itens, é justificada sua manutenção ou exclusão em versões seguintes do instrumento, tal argumento ainda recebe endosso da análise fatorial confirmatória, uma vez que ambos os itens apresentam as cargas mais baixas em suas respectivas dimensões.

Por fim, cabe destacar, conforme reportado por Batista e Noronha (2018), que a quantidade de instrumentos retratando a AE apenas como um aspecto da inteligência emocional é grande. Assim, o processo de mensuração da AE fica em segundo plano, o que pode impactar na compreensão total e processos interventivos relacionados a autorregulação. Portanto, a EARE-AD visa a suprir esta lacuna, analisando em detalhes os processos de regulação emocional vinculados a tristeza, bem como expandindo a avaliação deste traço e oportunizando que profissionais da área da Psicologia possuam mais recursos teóricos e metodológicos para atuar neste tema.

### **Considerações finais**

De modo geral, os índices psicométricos deste estudo se mostraram satisfatórios e corroboram os índices de fidedignidade existentes para a Escala de Autorregulação



Emocional – Adultos. Dever-se-á compreender que esta escala melhor mensura traços de baixa autorregulação emocional sendo, portanto, melhor aproveitada quando utilizada para este contexto. É sugerido para estudos futuros que busquem evidências de validade, visando a colaborar em avaliações psicológicas em outros contextos. Salienta-se como uma limitação deste estudo e um sugestão para pesquisas futuras, a utilização de uma amostra clínica de depressivos, esperando que a facilidade ou dificuldade de endosso dos itens seja alterada para tal população. Além disso, outra importante limitação refere-se a não análise de índices de invariância da ferramenta. Portanto, estudos que versem sobre esta análise, tanto no que diz respeito ao sexo dos participantes, como diferentes variáveis (e.g., regiões geopolíticas brasileiras, formato de aplicação etc.), devem ser executados no futuro de maneira a tornar o instrumento mais robusto.

## Referências

- Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30(2), 217-237. doi: 10.1016/j.cpr.2009.11.004
- Aldao, A., Sheppes, G., & Gross, J. J. (2015). Emotion regulation flexibility. *Cognitive Therapy and Research*, 39(3), 263-278. doi: 10.1007/s10608-014-9662-4
- Barros, L., Goes, A. R., & Pereira, A. I. (2015). Parental self-regulation, emotional regulation and temperament: Implications for intervention. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 295-306. doi: 10.1590/0103-166X2015000200013
- Batista, H. H. V. (2017). *Escala de autorregulação emocional: estudo psicométrico com cuidadores de idosos* (Dissertação de mestrado, Universidade São Francisco). Recuperado de <http://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/5540573535547261.pdf>
- Batista, H. H. V., & Noronha, A. P. P. (2018). Instrumentos de autorregulação emocional: Uma revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, 17(3), 389-398. doi: 10.15689/ap.2018.1703.15643.12
- Bagby, R. M., Parker, J. D. A. & Taylor, G. J. (1994). The twenty-item Toronto Alexithymia Scale-I. Item selection and cross-validation of the factor structure. *Journal of Psychosomatic Research*, 38, 23-32. doi: 10.1016/0022-3999(94)90005-1
- Bechara, A. (2003). O papel positivo da emoção na cognição. In V. A. Arantes, *Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas*, (pp.191-213). São Paulo: Sumus.

- Berking, M., Ebert, D., Cuijpers, P., & Hofmann, S. G. (2013). Emotion-regulation skills training enhances the efficacy of cognitive behavioral therapy for major depressive disorder. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 82(4), 234-245. doi: 10.1159/000348448
- Berna, G., Ott, L., & Nandrino, J.-L. (2014). Effects of Emotion Regulation Difficulties on the Tonic and Phasic Cardiac Autonomic Response. *PLoS ONE*, 9(7), e102971. doi: 10.1371/journal.pone.0102971
- Bond, T. G., & Fox, C. M. (2015). *Applying the Rasch model fundamental measurement in the human sciences* (3rd ed.). Mahwah, NJ L. Erlbaum.
- Borges, L., & Pacheco, J. T. B. (2018). Sintomas depressivos, autorregulação emocional e suporte familiar: Um estudo com crianças e adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 132-148. doi: 10.5433/2236-6407.2018v9n3suplp132
- Brandão, T., Tavares, R., Schulz, M. S., & Matos, P. M. (2016). Measuring emotion regulation and emotional expression in breast cancer patients: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 43, 114–127. doi: 10.1016/j.cpr.2015.10.002
- Céspedes, A. (2014). *Educar as emoções*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cicchetti, D., Ackerman, B. P., & Izard, C. E. (1995). Emotions and emotion regulation in developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 7(1), 1-10. doi: 10.1017/S0954579400006301
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ekman, P. (2016). What scientists who study emotion agree about. *Perspectives on Psychological Science*, 11(1), 31-34. doi: 10.1177/1745691615596992
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54. doi: 10.1007/s10862-008-9102-4
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348-362. doi: 10.1037/0022-3514.85.2.348
- Joormann, J., & Stanton, C. H. (2016). Examining emotion regulation in depression: a review and future directions. *Behaviour Research and Therapy*, 86, 35-49. doi: 10.1016/j.brat.2016.07.007
- Karoly, P. (1993). Mechanisms of self-regulation: A systems view. *Annual Review of Psychology*, 44(1), 23-52. doi: 10.1146/annurev.ps.44.020193.000323
- Koole, S. L., & Aldao, A. (2016). *The self-regulation of emotion: Theoretical and empirical advances*. In K. D. Vohs, & R. F. Baumeister (Eds.), *Handbook of self-regulation: Research, theory and applications* (3rd ed., pp. 101-112). New York: Guilford.

- Linacre, J. M. (2014). *Winsteps Rasch measurement computer program*. Beaverton, OR: Winsteps.com. Recuperado de <http://www.winsteps.com/index.htm>
- Noronha, A. P. P., & Baptista, M. N. (2016). *Escala de Avaliação da Autorregulação Emocional – EARE*. (Relatório técnico não publicado). Universidade São Francisco, Itatiba, SP.
- Noronha, A. P. P., Baptista, M. N., & Batista, H. H. V. (2019). Estudos Psicométricos Iniciais da Escala de Autorregulação Emocional – Versões Adulto e Infanto-Juvenil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, e180109. doi: 10.1590/1982-0275201936e180109
- Noronha, A. P. P., Baptista, M. N., & Borges, L. (2018). *Autorregulação emocional*. In C. S. Hutz & C. T. Reppold, *Intervenções em psicologia positiva aplicadas à saúde* (pp. 61-80). São Paulo: Editora Leader.
- Rocha, A. M., Candeias, A. A., & da Silva, A. L. (2018). Regulação das emoções na infância: Delimitação e definição. *Psychologica* 61, 7. doi: 10.14195/16478606\_614\_1
- Salovey, P., Mayer, J. D., Goldman, S. L., Turvey, C., & Palfai, T. P. (1995). *Emotional attention, clarity and repair: Exploring emotional intelligence using the Trait Meta-Mood Scale*. In J. W. Pennebaker (Ed.), *Emotion disclosure and health* (pp. 125-154). Washington, DC: APA Books.
- Schäfer, J. Ö., Naumann, E., Holmes, E. A., Tuschen-Caffier, B., & Samson, A. C. (2017). Emotion regulation strategies in depressive and anxiety symptoms in youth: A meta-analytic review. *Journal of youth and adolescence*, 46(2), 261-276. doi: 10.1007/s10964-016-0585-0
- Stanton, A. L., Kirk, S. B., Cameron, C. L., & Danoff-Burg, S. (2000). Coping through emotional approach: Scale construction and validation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 1150-1169. doi: 10.1037/0022-3514.78.6.1150
- Tamir, M. (2016). Why do people regulate their emotions? A taxonomy of motives in emotion regulation. *Personality and Social Psychology Review*, 20(3), 199-222. doi: 10.1177/1088868315586325
- Vohs, K. D., & Baumeister, R. F. (Eds.). (2016). *Handbook of self-regulation: Research, theory, and applications*. Guilford Publications.
- Watson, M., & Greer, S. (1983). Development of a questionnaire measure of emotional control. *Journal of Psychosomatic Research*, 27, 299-305. doi: 10.1016/0022-3999(83)90052-1
- Weinberger, D. A. (1990). The construct validity of the repressive coping style. In: J. L. Singer, (Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health* (pp.337-386). Chicago: University of Chicago Press.

Submetido em: 12.10.2021

Aceito em: 07.01.2022